

# O ENSINO (DO) PORTUGUÊS NA ALEMANHA: UM FOCO NOS FALANTES DE HERANÇA

*Liliana Correia*

*Cristina Flores*

*Sílvia Melo-Pfeifer*

## INTRODUÇÃO

A história do Português na Alemanha, pelo menos na perspetiva lusa que admitimos desde o início, está muito ligada à história da recuperação económica deste país uma década após o final da Segunda Guerra Mundial e à assinatura do acordo de recrutamento de migrantes para ajudar a superar a falta de mão de obra de uma economia em recuperação. No pós-guerra, foram assinados vários acordos entre a República Federal da Alemanha e vários países do sul da Europa, com vista ao recrutamento de trabalhadores não só portugueses, mas também turcos, italianos e gregos, para referirmos apenas alguns.

No entanto, a presença de falantes de Português não se pode resumir, neste contexto geográfico, ao número de falantes de Português Europeu (PE). Pelo facto de o Português ser uma língua pluricêntrica, para termos uma visão integrada de falantes de Português na Alemanha, necessitamos de contar com os falantes de Português de todas as latitudes. Os dados acerca da presença de cidadãos de países de língua oficial portuguesa nem sempre coincidem em todas as fontes, pelo que apresentamos, na Tabela 1, os dados recolhidos em *Statista*, que utiliza os mesmos critérios de inclusão, relativos à evolução do número daqueles cidadãos entre 2017 e 2019. Os números referem-se à presença dos cidadãos na sua globalidade e não a novas entradas<sup>1</sup>.

---

1. Em alemão, os dados aparecem sob a designação “Anzahl der Ausländer in Deutschland nach Herkunftsland von 2017 bis 2019”.

**TABELA 1****Presença de potenciais falantes lusófonos na Alemanha, em 2019.<sup>2</sup>**

PAÍS	2017	2018	2019
Angola	5.350	5.325	5.485
Brasil	42.580	46.030	49.280
Cabo Verde	315	325	340
Moçambique	2.085	2.095	2.095
Portugal	146.810	138.890	138.410
São Tomé e Príncipe	20	20	25
Timor-Leste	5	5	5

A tendência para o aumento de residentes provenientes de Portugal, que foi muito acentuada durante a crise económica dos anos 2010-2012, estabilizou e foi mesmo “apagada” por outros movimentos migratórios para a Alemanha, destacando-se a entrada, em grande escala, de refugiados sírios nos anos de 2015 (158.657 novas entradas) e 2016 (266.250 novas entradas).<sup>3</sup> Em 2019, o maior número de novas entradas na Alemanha foi registado para os cidadãos romenos, com 230.096 novos imigrantes.<sup>4</sup> Como veremos de seguida, a percentagem de Portugueses na Alemanha é atualmente de 0,2%. De acordo com os dados da Tabela 1, a população lusófona que mais tem crescido na Alemanha é a de origem brasileira.

Dito isto, fica claro que a história do Português na Alemanha se cruza com a história da emigração portuguesa para outros países (Ferreira &

2. Referimo-nos a “potenciais” falantes, porque a origem do cidadão não implica que seja falante de português. Para mais detalhes acerca das políticas linguísticas destes países veja-se Pinto & Melo-Pfeifer (2018). <https://de.statista.com/statistik/daten/studie/1221/umfrage/anzahl-der-auslaender-in-deutschland-nach-herkunftsland/>.

3. <https://www.bpb.de/politik/innenpolitik/flucht/218788/zahlen-zu-asyl-in-deutschland>.

4. <https://de.statista.com/statistik/daten/studie/251942/umfrage/einwanderung-nach-deutschland-nach-herkunftslandern/>.

Melo-Pfeifer, 2018) e de outras comunidades linguísticas na Alemanha, sendo que as políticas desenvolvidas pelo Estado Alemão, em termos gerais, são semelhantes para todos os países envolvidos: passam pela oferta de cursos de integração linguística para adultos, cursos de preparação para a integração em aulas regulares para crianças e jovens, e apoio ao desenvolvimento de aulas de línguas de herança. Ao longo da história das políticas linguísticas da Alemanha, esta trilogia teve diferentes configurações, mas podemos afirmar que constituiu e continua a constituir o pilar da integração dos imigrantes e refugiados no país.

Neste capítulo, apresentamos, num primeiro momento, a história e evolução do PE na Alemanha, em termos sociolinguísticos e demográficos, para depois nos centrarmos na estruturação da oferta do Português no país, desde a escolaridade básica à universitária. Posteriormente, na secção empírica desta contribuição, apresentamos um estudo em que comparamos o conhecimento lexical produtivo e recetivo na língua de origem de crianças lusodescendentes na Alemanha, em contextos de exposição formal e naturalística a esta língua. Este estudo empírico, ainda que centrado na avaliação do repertório linguístico de crianças bilingues (ou bilingues em devir) de PE e de Alemão, pode ser transferido para outras variedades do Português, pelo que a sua apresentação se revestirá de uma validade mais vasta. A nossa intenção é apresentar um estudo empírico que faça sentido à luz do pluricentrismo da Língua Portuguesa e da heterogeneidade da comunidade lusófona na Alemanha. Esta contribuição termina com perspectivas futuras de investigação em diferentes áreas disciplinares, aglutinadas sob a designação de estudos “lusitanísticos” na Alemanha.

## **PRESENÇA DO PORTUGUÊS NA ALEMANHA: UM FOCO NO PORTUGUÊS EUROPEU**

### **APONTAMENTOS SOCIOLINGUÍSTICOS E DEMOGRÁFICOS**

Atualmente, cerca de 11.228.300 pessoas que vivem na Alemanha têm nacionalidade estrangeira (perfazendo aproximadamente 13,5% dos

residentes).<sup>5</sup> Contudo, a proporção da população que tem um historial familiar de migração ascende ao dobro desse número: são mais de 21 milhões de pessoas. Este número inclui não apenas pessoas nascidas fora da Alemanha e que vieram viver para este país em certo momento da sua vida, mas também gerações posteriores já nascidas na Alemanha, com cidadania alemã. Uma parte considerável destes residentes nascidos na Alemanha com antecedentes migratórios adquire duas línguas maternas em simultâneo, a língua de origem da família, denominada de língua de herança (Flores & Melo-Pfeifer, 2014), e a língua alemã, a língua dominante da sociedade. É sobre estes falantes que nos debruçamos na secção 3 do presente capítulo.

Nas estatísticas apresentadas, a proporção de imigrantes portugueses é bastante reduzida. Apenas 0,2% do total de imigrantes residentes na Alemanha têm nacionalidade portuguesa, perfazendo, em 2019, a totalidade de 138.410 pessoas. Este número rondou os 115.000 na primeira década do atual milénio, tendo aumentado nos últimos dez anos, em consequência da crise económica que afetou (não só) Portugal, mas também devido à crescente mobilidade laboral na Europa, incluindo a de trabalhadores altamente qualificados. O número de portugueses que requerem a nacionalidade alemã também tem vindo a aumentar na última década, mas ainda é um número baixo em comparação com outras nacionalidades. Em 2000, 229 Portugueses adquiriram a nacionalidade alemã, tendo este número aumentado para 760 em 2019.<sup>6</sup> Globalmente, a Alemanha ocupa o sétimo lugar no *ranking* dos países com maior número de residentes portugueses (a França está no topo deste *ranking*). Na União Europeia, Portugal é o país com maior percentagem de população a viver na diáspora: 21% dos Portugueses não residem em Portugal (a nível mundial, Portugal ocupa a 13.<sup>a</sup> posição no *ranking* dos países com maior proporção de emigrantes).

Portanto, a emigração portuguesa não é um fenómeno recente, marca a história de Portugal durante séculos, tendo aumentado consideravelmente

---

5. Os dados são do Statistisches Bundesamt (Destatis), referentes a 31.12.2019. [https://www.destatis.de/DE/Themen/Gesellschaft-Umwelt/Bevoelkerung/Migration-Integration/\\_inhalt.html](https://www.destatis.de/DE/Themen/Gesellschaft-Umwelt/Bevoelkerung/Migration-Integration/_inhalt.html).

6. Observatório da emigração, <http://observatorioemigracao.pt/np4/paises.html?id=56>.

desde o final do século XIX (Arroteia, 2001). Entre 1900 e 1988, cerca de 3,5 milhões de pessoas deixaram Portugal, 25% das quais ilegalmente. O pico da emigração foi alcançado entre 1966 e 1973 (Baganha, 1994).

Quanto ao destino “Alemanha”, o fluxo migratório mais significativo para este país teve início no final dos anos cinquenta, ainda durante o Estado Novo. Não obstante as sanções impostas pela comunidade internacional ao regime ditatorial português, havia estreitas relações militares e comerciais entre Portugal e a República Federal da Alemanha. A “Convenção Administrativa”, assinada em 1960 entre os dois países, estabeleceu a dimensão formal da cooperação militar (Fonseca, 2006). O início oficial da emigração portuguesa para a Alemanha deu-se com a assinatura do Acordo de Recrutamento de Migrantes, em 1964. A Alemanha vivia o chamado “milagre económico” com necessidade crescente de mão de obra. Este acordo, que o governo alemão também assinou com vários outros países do sul da Europa, visava regulamentar a presença de trabalhadores estrangeiros nas fábricas alemãs, a qual, à partida, deveria ser limitada no tempo (Steinert, 2014). Este propósito é refletido no termo oficialmente usado para nomear os trabalhadores estrangeiros: *Gastarbeiter* (“trabalhador convidado”). Este é um elemento importante que caracteriza o período inicial da emigração portuguesa para a Alemanha: a emigração deveria ser temporária e o regresso a Portugal um objetivo realizável. Por isso, nas primeiras décadas, a população migrante proveniente de Portugal era quase exclusivamente masculina. Mulheres e crianças permaneceram no país de origem (Baganha, 1994). De 1955 a 1973, o número de trabalhadores portugueses a trabalhar em fábricas alemãs e no porto de Hamburgo atingiu quase os 166.000 (Freund, 2007). A partir da década de 1970, o fluxo migratório entre Portugal e a Alemanha é caracterizado por três fenómenos: (i) o regresso a Portugal de muitos homens migrantes do primeiro período de migração; (ii) a emigração dos familiares de trabalhadores que decidiram permanecer na Alemanha e solicitaram licença para que as suas famílias se juntassem a eles; e (iii) novos fluxos migratórios. Curiosamente, em muitos casos documentados, as famílias migraram sem os filhos, ou apenas com os filhos mais novos, deixando os filhos mais velhos em Portugal com parentes (Pimentel & Martins, 2016).

## A ESTRUTURAÇÃO DA OFERTA DO PORTUGUÊS

### DAS “ESCOLAS PORTUGUESAS” AO ENSINO DO PORTUGUÊS NO ESTRANGEIRO (EPE)

Os factos relatados na secção anterior evidenciam que o regresso a Portugal era um objetivo de vida para muitas famílias portuguesas (Berretta Soares, 2010; Pinheiro, 2010). Destacamos este aspeto porque ajuda a explicar a crescente demanda por aulas de Português em áreas com grandes comunidades portuguesas, como, por exemplo, em Hamburgo. Um possível regresso e conseqüente integração no sistema educativo português exigiria uma boa competência linguística e preparação académica dos filhos, que tinham emigrado com os pais ou nascido já na Alemanha (Azevedo, 2003). Esta necessidade crescente levou ao estabelecimento da chamada “Escolas Portuguesas”, nos anos setenta, em áreas com comunidades portuguesas em crescimento. Numa primeira fase, as aulas, designadas oficialmente por *Curso de Língua e Cultura Portuguesas*, funcionaram como escolas complementares à tarde. Sem uma base legislativa uniforme, estes cursos foram organizados pela Embaixada Portuguesa em Bona e pelos seus vários consulados locais, ou pela Missão Católica Portuguesa na Alemanha.<sup>7</sup>

Uma característica relevante dos *Curso de Língua e Cultura Portuguesas* foi a natureza do currículo, que visava ensinar Português como língua materna, equivalente ao currículo da disciplina de “Português” lecionada em Portugal, incluindo o uso de materiais pedagógicos idênticos aos utilizados no país de origem. Este é um indicador revelador do uso dominante da Língua Portuguesa no seio das famílias e da elevada proficiência que caracterizou a competência linguística dos falantes lusodescendentes de segunda geração nos períodos iniciais da presença de comunidades portuguesas na Alemanha.

A partir da década de 1980, procedeu-se a uma reorganização das aulas de Português, não só na Alemanha, mas em todos os países com presença significativa de comunidades portuguesas. As aulas foram

---

7. Um caso exemplar são os cursos de Português fundados em 1973 pelo padre católico Eurico Azevedo em Hamburgo (Azevedo, 2003).

integradas na rede oficial de “Ensino de Português no Estrangeiro” (EPE), coordenada pelo Instituto Camões (agora Camões — Instituto de Cooperação e Língua, I.P.), atualmente sob tutela do Ministério dos Negócios Estrangeiros. O artigo 19.º, n.º 1, alínea e), da Lei de Bases do Sistema Educativo Português de 1986 confere aos filhos descendentes de Portugueses o direito constitucional de frequentar as aulas desta rede. Em 2006, foi definida uma nova base jurídica para todas as aulas de Português ministradas no estrangeiro, integrando não só os cursos para lusodescendentes, mas também as aulas de Português Língua Estrangeira oferecidas, por exemplo, em centros de línguas sediados em universidades. Em 2012, ocorreram profundas alterações legais e organizacionais na rede EPE, incluindo alterações substanciais nos currículos dos *Cursos de Língua e Cultura Portuguesas*.

Tendo ficado evidente que esses cursos agora recebiam crianças de várias origens familiares e com diferentes níveis de proficiência, incluindo não apenas crianças de primeira e segunda geração altamente proficientes, mas também falantes bilingues recetivos, que não falavam Português, o currículo perdeu o objetivo de ensinar Português como língua materna. As diretivas oficiais passaram a incluir o termo Português como Língua de Herança (PLH) e foi introduzido um quadro de referência para o EPE (*Quadro de Referência para o Ensino Português no Estrangeiro/QuaREPE*, Grosso et al., 2011), apoiado no *Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas* (QECRL). Adotando um sistema de níveis semelhante ao QECRL, os níveis de proficiência dos alunos passaram a ser classificados numa escala de A1 a C2. Este quadro e vários outros documentos orientadores passaram a regular os programas, o tipo de atividades didáticas e os materiais a utilizar nos mais diversos cursos de Português, oferecidos no estrangeiro, incluindo a Alemanha.

Os professores que trabalham na rede EPE são recrutados em Portugal pelo Camões, I.P., tendo como requisitos de admissão a titularidade de uma licenciatura, conhecimentos certificados com nível B2 da língua do país de acolhimento e a realização de um exame de admissão organizado pelo Camões, I.P.

No ano escolar 2019-2020, a rede serviu aproximadamente 72.244 estudantes lusófonos e empregou 978 professores em todo o mundo, representando um investimento de mais de 22,5 milhões de euros (Mundo

Português, 2019/01/10). Na Alemanha, as aulas de Língua Portuguesa destinadas aos alunos do ensino básico e secundário são oferecidas pela rede oficial EPE em dois tipos de regime: o regime paralelo, com aulas extracurriculares, de tarde ou ao sábado, e o regime integrado, nas chamadas “escolas bilingues” ou nas que incluem Português como língua estrangeira. No ano letivo de 2020-2021, a rede de EPE abrangeu aproximadamente 2410 alunos, nos dois regimes, neste país, oferecendo aulas em 102 localidades e 113 escolas. Os alunos inscritos nestes cursos são maioritariamente de famílias portuguesas, mas também de outros países lusófonos (por exemplo, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde).<sup>8</sup> A esta oferta acrescem, ainda, as aulas de PLH, organizadas em regime extracurricular, por iniciativa de vários estados federais alemães, entre eles Hesse, Hamburgo, Baixa Saxónia, Renânia do Norte-Vestfália e Renânia-Palatinado (Reimann, 2017). Contudo, o número de alunos inscritos e de professores contratados pelos estados federais tem diminuído consideravelmente nos últimos anos (Melo-Pfeifer, 2016).

No ensino bilingue, o ensino da Língua Portuguesa não só está integrado no currículo, como também é língua de instrução. Este regime de ensino funciona em duas cidades alemãs, Berlim e Hamburgo, no ensino básico e no ensino secundário, resultando de projetos de cooperação específicos entre os respetivos órgãos institucionais alemães e o Camões, I.P.<sup>9</sup>

Apesar do número elevado de falantes de Português a nível mundial, que coloca a Língua Portuguesa entre as cinco mais faladas do mundo, e do seu estatuto enquanto língua global, o Português tem ainda pouca expressão no sistema educativo alemão enquanto língua estrangeira curricular, levando Reimann (2017) a classificá-la como “língua mundial incompreendida” (*verkannte Weltsprache*). Isto significa que o Português é oferecido como terceira língua estrangeira apenas num número muito limitado de escolas públicas em todo o país. Sem o propósito de sermos

---

8. Cf. o relatório anual da Coordenação da Rede EPE na Alemanha, com sede na embaixada em Berlim: <https://www.berlim.embaixadaportugal.mne.pt/>.

9. Em Berlim, funciona na Escola Básica Europeia Neues Tor (<http://neues-tor.de>) e na Escola Secundária Europeia Kurt-Schwitters (<http://kurt-schwitters.cidsnet.de>); em Hamburgo, na Escola Básica Europeia Rudolf-Ross (<http://www.rudolf-ross-grundschule.de>) e na Escola Secundária Europeia Stadtteilschule am Hafen (<http://www.schule-am-hafen.eu>).

exaustivas, destacamos as Escola *Geschwister-Scholl-Gymnasium*, em Estugarda, e Escola *Max-Planck Gymnasium*, em Dortmund, que oferecem o ensino do Português como terceira língua no 8.º ou no 10.º ano e no ensino secundário, incluindo como exame final (*Abitur*). Há ainda a oferta em várias escolas europeias (*Europaschulen*), por exemplo a *Europaschule Karlsruhe*, a *Europaschule Frankfurt* ou a *Gesamtschule Zollstock Köln* (Colónia), entre outras.

## O ENSINO DO PORTUGUÊS NO ENSINO SUPERIOR E NA EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Quanto ao ensino superior alemão, o Português, tanto o Europeu como o Brasileiro (ou seja, os estudos lusitanistas), constitui uma área disciplinar em mais de 25 universidades, que oferecem o estudo da Romanística, nos primeiro e segundo ciclos do ensino superior (*Bachelor/Master*), entre elas as Universidades de Aachen, Berlin, Chemnitz, Frankfurt, Gießen, Hamburg, Jena, Köln, Leipzig, Mainz, Marburg, München, Saarbrücken, Trier ou Tübingen. Em regra, os estudantes inscritos nos cursos de Romanística estudam Português em paralelo com uma primeira língua românica (geralmente, o Francês ou o Espanhol). Existem ainda ofertas específicas de formação na área dos estudos de tradução e interpretação, que incluem o par linguístico português-alemão, como, por exemplo, na Universidade de Heidelberg e no polo de GERMERSHEIM da *Johannes Gutenberg-Universität Mainz*. Outros exemplos do ensino do Português para fins específicos são o curso de línguas ibero-românicas aplicadas aos estudos económicos do Instituto Politécnico *Westsächsische Hochschule Zwickau* (em combinação com o Espanhol) e a licenciatura internacional *International Business and Management*, na combinação português-alemão, do Instituto Politécnico de Bochum. Muitas universidades alemãs oferecem o ensino do Português como língua estrangeira (variante de Português Europeu ou Brasileiro, ou ambas) enquanto opção de cursos das áreas das ciências naturais, das engenharias ou da economia e relações internacionais. Embora haja oferta até ao nível B2 do QECRL, a maioria dos estudantes frequenta apenas os níveis iniciais (A1/A2) destes cursos.

No contexto do ensino superior, destacamos ainda o curso de mestrado de dupla titulação em Estudos Luso-Alemães, um curso binacional de associação, organizado pela Universidade do Minho e pela *Goethe-Universität Frankfurt*, que no ano letivo de 2020-2021 abriu a sua 5.<sup>a</sup> edição. O plano de estudos deste curso, que inclui disciplinas das áreas de literatura, cultura, linguística, tradução e humanidades digitais, está dividido pelas duas universidades, permitindo aos alunos estudar as duas línguas, de forma comparada, nos dois países e obter um diploma final emitido pelas duas universidades.

Por fim, existem naturalmente várias escolas e institutos de línguas com oferta de cursos de Língua Portuguesa. Na formação adulta, existem na Alemanha as chamadas *Volkshochschulen* (que podemos traduzir por “escolas superiores populares”), cujo leque de oferta se estende por todo o país. Neste caso, a variedade ensinada é ou o Português Europeu ou o Português Brasileiro, estando a procura maioritariamente concentrada nos níveis de iniciação. Uma pesquisa pelo catálogo de oferta de cursos de Português destas escolas<sup>10</sup> prevê a realização de 73 cursos no ano letivo de 2020-21, o que significa uma descida significativa face aos 99 cursos reportados por Melo-Pfeifer (2016) para o ano letivo de 2020-2021.

A motivação para a aprendizagem do Português é sobretudo de natureza profissional. Vários estudos têm realçado a mais-valia da Língua Portuguesa no mercado de trabalho, considerada uma vantagem no *curriculum vitae* (Reto, 2012). Para além desta motivação, o Português tem outro ponto atrativo. Por motivos de proximidade tipológica e consequente facilidade de intercompreensão linguística, os alunos com conhecimentos prévios de outra língua românica (por exemplo, o Francês e o Espanhol) tendem a ter mais facilidade na aprendizagem do Português.

## **O PORTUGUÊS LÍNGUA DE HERANÇA EM DIFERENTES CONTEXTOS DE EXPOSIÇÃO FORMAL E NATURALÍSTICA**

A presente secção centra-se numa das populações de falantes de Português apresentadas anteriormente, as crianças lusodescendentes que crescem com exposição ao Português e ao Alemão desde os primeiros anos de

---

10. <https://www.volkshochschule.de/kursfinder.php>.

vida. Como descrito acima, uma expressão comumente usada para designar falantes que crescem em famílias cuja língua de origem não é a do país onde vivem é a de falante de herança.

A abundante investigação empírica na área do bilinguismo de herança (veja-se, recentemente, Schalley & Eisenclas, 2020) tem revelado que o desenvolvimento linguístico de falantes bilingues é caracterizado pela variação, não só no que diz respeito ao nível de proficiência linguística que cada indivíduo alcança em cada uma das suas línguas, às expectativas acerca da competência bilingue que é possível atingir (Da Costa Wätzold & Melo-Pfeifer, 2020), como também relativamente à experiência linguística de cada falante (Montrul, 2016; Unsworth, 2016).

Embora os falantes de herança sejam expostos quer à língua maioritária, quer à minoritária, em contextos naturalísticos, ou seja, em ambientes propícios ao desenvolvimento de competências bilingues, muitos estudos sugerem que a variação no tipo e na quantidade de *input* que recebem de cada língua se traduz, na maioria das vezes, não só em níveis de proficiência linguística desequilibrados entre as línguas em aquisição, como também em diferentes graus de proficiência em cada língua e em diferentes áreas do saber linguístico, sobretudo na língua minoritária (Montrul, 2016, discute alguns destes estudos). Sabemos que o nível de proficiência na língua de herança pode situar-se ao longo de um *continuum* entre proficiência muito elevada e proficiência muito baixa (Montrul, 2016; Polinsky, 2015; Rothman, 2009). Deste modo, num dos extremos, podemos encontrar falantes de herança que apresentam um domínio linguístico na língua de herança semelhante ao de falantes nativos residentes no país de origem, quer ao nível da compreensão e da produção oral, quer ao nível da escrita e da leitura, ao passo que, no extremo oposto, se situam falantes que desenvolveram conhecimento linguístico na língua de herança apenas ao nível da competência recetiva (Benmamoun *et al.*, 2013). De acordo com Montrul (2016), a maioria dos falantes de herança de diversas línguas-alvo situa-se entre estes dois extremos, sendo as competências de compreensão e de produção oral as que melhor dominam, o que reflete o facto de estes adquirirem a língua de herança sobretudo por meio de exposição oral no seio da família e das comunidades emigrantes.

De facto, o tipo e a quantidade de exposição linguística a que os falantes de herança têm acesso no dia a dia determina o grau de desenvolvimento linguístico que estes conseguem alcançar em idade adulta. Desta forma, se, por um lado, uma maior exposição a uma dada língua, quer através do contacto com múltiplas fontes de *input* e com registos de língua variados, quer através da interação quotidiana com diversos interlocutores falantes dessa língua em situações comunicativas multifacetadas, resulta num maior domínio da mesma; por outro lado, uma exposição reduzida a essa mesma língua, em contextos comunicativos muito homogéneos e circunscrita ao mesmo grupo de interlocutores e a registos de língua pouco diversificados, conduz, na grande maioria das vezes, a um desenvolvimento linguístico com particularidades que o distinguem do de outros falantes nativos dessa mesma língua.

Na próxima secção, apresentar-se-ão, num primeiro momento, os principais fatores ambientais que contribuem para a heterogeneidade de contextos sociolinguísticos em que a aquisição de línguas de herança tende a ocorrer. Num segundo momento, refletir-se-á sobre o desenvolvimento linguístico de falantes de herança inseridos em diferentes contextos de exposição naturalística e formal, tendo por base os resultados de um estudo empírico centrado na aquisição lexical de crianças lusodescendentes residentes na Alemanha.

## FATORES AMBIENTAIS

Em estádios iniciais de desenvolvimento linguístico, a principal fonte de *input* das crianças mono- ou multilingues é, habitualmente, a família imediata. Assim sendo, grande parte dos estudos que procura avaliar o efeito que a variação no grau de exposição linguística exerce sobre o desenvolvimento de competências comunicativas bilingues tem-se centrado na quantidade de *input* proveniente dos pais. Neste âmbito, os estudos desenvolvidos com falantes de herança de diversas línguas-alvo revelam que, embora os padrões de exposição linguística em contexto doméstico variem muito de família para família, o desenvolvimento linguístico das crianças bilingues tende a ser mais equilibrado quando os dois progenitores falam a língua minoritária no ambiente familiar

(De Houwer, 2007; Hoff *et al.*, 2014; Rodina & Westergaard, 2017; entre outros).

No seio familiar, as crianças bilingues não interagem somente com os progenitores. No seu dia a dia, as crianças convivem frequentemente com irmãos e, por vezes, com familiares próximos (*i.e.*, tios e avós). Naturalmente, o contacto com estes interlocutores também determina a quantidade de *input* que as crianças recebem de cada língua, influenciando, desta forma, o desenvolvimento de competências comunicativas nas duas línguas em aquisição. No que se refere à língua de herança, tem sido documentado na literatura que a convivência regular com avós, falantes nativos da língua minoritária, exerce um efeito positivo na transmissão intergeracional da língua de herança (Ishizawa, 2004; Kopeliovich, 2013; Zhang, 2008). Como revela um estudo desenvolvido por Zhang (2008), em muitas famílias emigrantes, as avós partilham com os pais o papel de cuidadores das crianças bilingues, sendo a língua de origem, devido ao baixo nível de proficiência que os avós tendem a apresentar na língua maioritária, o meio de comunicação entre as várias gerações, o que contribui significativamente para a aquisição e manutenção da língua de origem pelas gerações mais novas. Já o contacto com irmãos, sobretudo se forem mais velhos, parece ter o efeito oposto na aquisição da língua de herança, visto que estes costumam ser, na grande maioria das vezes, os responsáveis pela introdução da língua da sociedade no seio de famílias em que a língua minoritária costumava ser a única língua de comunicação, levando, deste modo, à alteração dos hábitos linguísticos familiares (Bridges & Hoff, 2014; Kopeliovich, 2013).

A exposição linguística bilingue varia não só na quantidade, mas também na qualidade, ou seja, na diversidade e complexidade de *input* a que os falantes são expostos (Jia & Paradis, 2014). Entre os fatores que têm sido considerados preditivos da qualidade (e também da quantidade) de exposição linguística e, por consequência, do desenvolvimento linguístico destacam-se o contacto com diferentes falantes da língua de herança (Gollan *et al.*, 2015), o contacto com a língua de herança em diversas atividades de lazer e socioculturais (Gathercole & Thomas, 2007), e a instrução formal na língua de herança, quer esta seja através de aulas de língua de herança com carácter extracurricular (Bylund & Diaz, 2012), quer seja através de programas educacionais de instrução

bilingue (Cobo-Lewis *et al.*, 2002). Assim, se, por um lado, o contacto com um maior número de falantes da língua-alvo em diferentes contextos comunicacionais resulta numa maior exposição a registos de língua diversificados; por outro lado, a escolarização na língua minoritária não só expõe os falantes de herança a registos de língua formais e representativos da língua padrão, os quais nem sempre estão presentes no *input* naturalístico a que estes falantes têm acesso (veja-se o estudo de Rothman (2007)), como também lhes fornece oportunidade de treino explícito de estruturas linguísticas e promove o desenvolvimento das competências da leitura e da escrita (Flores *et al.*, 2018).

#### ESTUDO EMPÍRICO: CONHECIMENTO LEXICAL DE CRIANÇAS LUSODESCENDENTES NA ALEMANHA

Passamos, agora, à apresentação e discussão dos resultados preliminares de um estudo centrado no desenvolvimento lexical de crianças lusodescendentes residentes na Alemanha (Correia, em preparação).<sup>11</sup> Para a presente discussão, seleccionámos uma subamostra de participantes que se encontram inseridos em dois contextos sociolinguísticos diferentes, estando agrupados em função do tipo de ensino formal da língua de herança que estão a frequentar, *i.e.*, aulas extracurriculares de PLH e uma escola com ensino bilingue português-alemão.

Este estudo tem como principal objetivo avaliar o conhecimento lexical produtivo e recetivo, na língua de herança, dos dois grupos de participantes, procurando simultaneamente compreender de que forma determinadas variáveis extralinguísticas relacionadas com a quantidade e a qualidade do *input* naturalístico contribuem para o conhecimento lexical de crianças lusodescendentes que são expostas a *input* formal de Português em diferentes quantidades e contextos.

---

11. O estudo foi desenvolvido no âmbito do projeto de investigação “A influência de fatores extralinguísticos sobre o desenvolvimento lexical de crianças bilingues. Um estudo sobre falantes de herança do Português Europeu residentes em diferentes contextos migratórios”, o qual é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), pelo Fundo Social Europeu (FSE) e pelo Programa Operacional Capital Humano (POCH), através da bolsa de doutoramento com a referência SFRH/BD/138397/2018.

Os participantes foram selecionados, de forma aleatória, de um dos grupos experimentais que integram um estudo mais amplo centrado no desenvolvimento lexical de crianças bilingues inseridas em diferentes contextos migratórios (Correia, em preparação). Os dados biográficos e sociolinguísticos foram recolhidos através de um questionário parental elaborado para o referido estudo, com base nos questionários de Correia (2017), Paradis (2011) e Unsworth (2013). O desenvolvimento lexical das crianças falantes de herança foi avaliado em duas tarefas experimentais: um teste de nomeação de imagens para a aferição do vocabulário produtivo (Brownell, 2000a; Cunha, 2011) e um teste de identificação de imagens para a aferição do vocabulário recetivo (Brownell, 2000b; Costa, 2011).

A amostra é constituída por 16 crianças lusodescendentes residentes na Alemanha distribuídas por dois grupos: um grupo de crianças a frequentarem aulas de PLH de carácter extracurricular (doravante FH.PLH) e um outro grupo de crianças a frequentarem uma escola bilingue português-alemão (doravante FH.EBi).

O grupo FH.PLH é composto por nove participantes, cinco do sexo feminino (55,6%) e quatro do sexo masculino (44,4%), com idades compreendidas entre os sete e os 10 anos (Média ( $M$ )=8,33; Desvio-padrão ( $DP$ )=1,32), a residirem no estado alemão de Baden-Württemberg, o qual, de acordo com os dados mais recentes,<sup>12</sup> ocupa o segundo lugar na lista de estados alemães com um maior número de emigrantes de origem portuguesa (*i.e.*, 29.255). A totalidade dos participantes está inserida num ambiente bilingue, no qual o uso do Português Europeu ocorre maioritariamente no seio da família e da comunidade emigrante e o uso do Alemão está presente em todos os domínios da sociedade. Dos nove participantes, sete (77,8%) nasceram na Alemanha e dois (22,2%), em Portugal, tendo estes emigrado para o país de acolhimento antes dos três anos de idade. Todos os participantes foram expostos ao PE desde o nascimento, tendo a maioria ( $n=5$ ; 55,6%) apenas começado a receber *input* mais intensivo da língua maioritária com a entrada para a creche ou instituições de ensino pré-escolares. No que se refere ao meio familiar,

---

12. Os dados são do Statistisches Bundesamt (Destatis) — Ausländische Bevölkerung — Fachserie 1 Reihe 2, referentes a 31.12.2019. [https://www.destatis.de/DE/Service/Bibliothek/\\_publikationen-fachserienliste-1.html](https://www.destatis.de/DE/Service/Bibliothek/_publikationen-fachserienliste-1.html).

todos os participantes provêm de agregados familiares em que os dois progenitores são falantes nativos do PE. Em oito das nove famílias, os dois progenitores nasceram em Portugal e, em uma, um dos progenitores nasceu em Portugal e o outro na Alemanha. Quanto à presença de irmãos no agregado familiar, oito dos nove participantes (88,9%) têm irmãos e, destes oito, metade tem irmãos mais velhos. Ainda relativamente às famílias, seis participantes (66,7%) têm avós de origem portuguesa a residirem na Alemanha com os quais contactam regularmente durante a semana, sendo o PE a única língua de comunicação entre avós e netos. Por fim, quanto ao estatuto socioeconómico (ESE)<sup>13</sup> dos agregados familiares em que os participantes estão inseridos, a maioria dos participantes pertence a famílias de ESE médio-alto ( $n=3$ ; 33,3%) ou alto ( $n=3$ ; 33,3%), estando os restantes inseridos em famílias de ESE médio ( $n=2$ , 22,2%) ou baixo ( $n=1$ ; 11,1%).

O grupo FH.EBi, por sua vez, é constituído por sete crianças, três do sexo feminino (42,9%) e quatro do sexo masculino (57,1%), com idades compreendidas entre os seis e os 10 anos ( $M=8,00$ ;  $DP=1,53$ ), a residirem no estado alemão de Berlim, o qual acolhe 6.760 emigrantes de origem portuguesa.<sup>14</sup> Todos os participantes vivem num ambiente bilingue, no qual o PE, para além de ser usado no contexto familiar e no seio da comunidade emigrante, é também utilizado no meio escolar a par da língua maioritária. Das sete crianças, cinco (71,4%) nasceram na Alemanha e duas (28,6%), em Portugal, tendo estas emigrado para o país de acolhimento antes dos três anos de idade. Todas as crianças foram expostas ao PE desde a nascença e 42,9% ( $n=3$ ) começaram a ter contacto, de forma mais intensiva, com o Alemão a partir do início da frequência de creches ou do ensino pré-escolar. Quanto à constelação familiar, a maioria dos participantes ( $n=4$ ; 57,1%) está inserida em agregados familiares em que apenas um dos progenitores é falante nativo do

13. O estatuto socioeconómico das famílias foi avaliado através do nível de escolaridade da progenitora, tendo por base os seguintes critérios de correspondência: (1) ESE baixo = 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB); (2) ESE médio-baixo = 2.º CEB; (3) ESE médio = 3.º CEB; (4) ESE médio-alto = Ensino secundário; (5) ESE alto = Ensino superior.

14. Os dados são do Statistisches Bundesamt (Destatis) – Ausländische Bevölkerung – Fachserie 1 Reihe 2, referentes a 31.12.2019. [https://www.destatis.de/DE/Service/Bibliothek/\\_publikationen-fachserienliste-1.html](https://www.destatis.de/DE/Service/Bibliothek/_publikationen-fachserienliste-1.html).

PE. Nas restantes famílias, os dois progenitores têm o PE como língua materna. Todos os pais de origem portuguesa nasceram em Portugal. Quanto à presença de irmãos no agregado familiar, quatro (57,1%) dos participantes coabitam com irmãos, sendo estes mais novos do que aqueles. Nenhum dos participantes tem avós de origem portuguesa a residirem na Alemanha. Por último, no que respeita ao ESE das famílias, à exceção de um participante que pertence a um agregado familiar de ESE médio (14,3%), todos os restantes estão inseridos em agregados familiares de ESE alto ( $n=6$ ; 85,7%).

#### A QUANTIDADE E A QUALIDADE DA EXPOSIÇÃO LINGUÍSTICA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS GRUPOS

As principais variáveis relacionadas com a exposição linguística que serão usadas para a comparação entre os grupos em análise centrar-se-ão: (i) na quantidade de uso da língua de herança no agregado familiar (USO.AF)<sup>15</sup> e (ii) na riqueza da exposição linguística à língua de herança (RIQUEZA.INPUT),<sup>16</sup> a qual tem por base a experiência sociolinguística dos participantes em vários domínios do quotidiano, designadamente a frequência semanal com que os participantes estão em contacto com a língua de herança através de atividades relacionadas com os *media*, a participação das crianças em atividades de lazer e culturais, em Língua Portuguesa, existentes na comunidade emigrante, o uso da língua de

---

15. Os valores da variável USO.AF foram obtidos através do cálculo da média entre a quantidade de *input* e a quantidade de *output* no agregado familiar, originando valores que podem oscilar entre o mínimo de 0,00 (*i.e.*, 0% de uso da língua de herança) e o máximo de 1,00 (*i.e.*, 100% de uso da língua de herança). A quantidade de *input* fora previamente calculada através do valor da soma de quantidade de *input* recebida de cada membro do agregado familiar dividido pelo número de membros (com a exceção do participante). A quantidade de *output*, por sua vez, foi calculada através de uma fórmula semelhante à anterior.

16. A fórmula de cálculo da variável RIQUEZA.INPUT foi adaptada do questionário sociolinguístico de Paradis (2011), tendo-se para o efeito atribuído pontos à experiência sociolinguística dos participantes nas quatro componentes do quotidiano listadas, os quais foram somados e, depois, divididos pela pontuação máxima possível, originando valores que podem variar entre o mínimo de 0 e o máximo de 1.

herança nas interações com amigos de origem portuguesa residentes na Alemanha, e o tipo de ensino formal da língua de herança a que os participantes têm acesso.

Na Tabela 2 encontram-se os valores das medidas de tendência central e de dispersão referentes às variáveis USO.AF e RIQUEZA.INPUT.

**TABELA 2**

**Uso da língua de herança no agregado familiar e riqueza do input: medidas de tendência central e de dispersão.**

VARIÁ- VEIS	FH.PLH				FH.EBi			
	<i>Mín.</i>	<i>Máx.</i>	<i>M (DP)</i>	<i>Mdn (IIQ)</i>	<i>Mín.</i>	<i>Máx.</i>	<i>M (DP)</i>	<i>Mdn (IIQ)</i>
USO.AF	0,38	1,00	0,71 (0,26)	0,72 (0,59)	0,25	1,00	0,65 (0,32)	0,63 (0,67)
RIQUEZA. INPUT	0,13	0,55	0,27 (0,14)	0,23 (0,20)	0,13	0,63	0,36 (0,19)	0,43 (0,35)

Nota: *Mín.* = Mínimo; *Máx.* = Máximo; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; *Mdn* = Mediana; *IIQ* = Intervalo interquartilico.

Verificamos que, no grupo FH.PLH, a quantidade de uso da língua de herança no agregado familiar varia entre o valor mínimo de 0,38 e o máximo de 1 ( $M=0,71$ ); no grupo FH.EBi, os valores variam entre o mínimo de 0,25 e o máximo de 1 ( $M=0,65$ ). Tendo por base de comparação os valores das médias, podemos observar que a quantidade de uso do PE no contexto familiar é semelhante nos dois grupos.

Em relação à variável RIQUEZA.INPUT, antes de apresentarmos as medidas de tendência central e de dispersão desta variável, realizaremos uma análise descritiva dos dados que permitiram determinar a riqueza da exposição linguística dos participantes à língua de herança.

Assim, relativamente ao contacto semanal com a língua de herança através de atividades relacionadas com os *media*, os dados da Tabela 3 mostram que as atividades realizadas semanalmente pela totalidade dos participantes é *ver televisão*, no grupo FH.PLH, e *falar com familiares e amigos de Portugal*, nos dois grupos. Com um número superior a 50% de participantes, encontram-se as atividades *ouvir música e ler livros/*

*revistas* para os dois grupos. Em posições inferiores, situam-se as atividades *ver vídeos no YouTube*, a qual é realizada semanalmente por 22% dos participantes do grupo FH.PLH e por 43% dos do grupo FH.EBi, e *ver televisão*, que é realizada também apenas por 43% dos participantes do grupo FH.EBi. Não tendo em conta os valores da categoria *Nunca*, a maioria dos participantes FH.PLH realiza estas atividades, em média, um (33%) ou dois (29%) dias por semana, ao passo que a maioria dos participantes FH.EBi as realiza, em média, um (20%) ou três-quatro (20%) dias por semana.

**TABELA 3**

**Contacto com a língua de herança em atividades relacionadas com os media: percentagem de participantes por atividade e frequência semanal.**

ATIVIDADES	NUNCA		1 DIA		2 DIAS		3-4 DIAS		5-6 DIAS		TODOS OS DIAS	
	PLH	EBi	PLH	EBi	PLH	EBi	PLH	EBi	PLH	EBi	PLH	EBi
VER TV	0	57	44	0	22	0	22	29	0	0	11	14
OUVIR MÚSICA	33	14	22	29	33	14	0	43	0	0	11	0
LER LIVROS/REVISTAS	22	29	44	29	33	0	0	0	0	29	0	14
FALAR COM FAMILIARES E AMIGOS DE PT (SKYPE, ETC.)	0	0	44	29	44	29	0	0	0	0	11	43
VER VÍDEOS NO YOUTUBE	78	57	11	14	11	0	0	29	0	0	0	0
<i>Média (%)</i>	27	31	33	20	29	9	4	20	0	6	7	14

Por sua vez, os dados apresentados na Tabela 4 mostram a frequência relativa de participantes com acesso a atividades de lazer e culturais em Língua Portuguesa no país de acolhimento e a participação destes nas mesmas. Uma análise da distribuição dos dados revela que os participantes do grupo FH.PLH têm acesso a um leque mais variado de atividades na sua área de residência do que os participantes do grupo FH.EBi, destacando-se as atividades religiosas e de convívio como aquelas

que são mais comuns no seio da comunidade. Quanto ao envolvimento ativo dos participantes nas mesmas, os dados demonstram que há uma maior participação do grupo FH.PLH. De facto, dos participantes do grupo FH.PLH que têm acesso às atividades listadas, mais de metade participa em festas e convívios organizados pela comunidade emigrante e em cerimónias religiosas, um quarto está envolvido em bandas de música portuguesa e 14,3% frequentam a catequese. Já os participantes do grupo FH.EBi não estão envolvidos ativamente em nenhuma das atividades oferecidas pela comunidade.

**TABELA 4**

**Acesso a atividades de lazer e culturais em língua portuguesa no país de acolhimento e participação nas mesmas.**

ATIVIDADES	FH.PLH				FH.EBi			
	Existência		Participação		Existência		Participação	
	(n)	(%)	(n)	(%)*	(n)	(%)	(n)	(%)*
FESTAS E CONVÍVIOS	7	77,8	6	85,7	2	28,6	0	0,0
CERIMÓNIAS RELIGIOSAS	7	77,8	4	57,1	3	42,9	0	0,0
CATEQUESE	7	77,8	1	14,3	1	14,3	0	0,0
GRUPOS DE DANÇAS PORTUGUESAS	3	33,3	0	0	1	14,3	0	0,0
BANDAS DE MÚSICA PORTUGUESA	4	44,4	1	25,0	0	0	n/a	n/a
EQUIPAS E/ OU CLUBES DESPORTIVOS	2	22,2	0	0	0	0	n/a	n/a

Nota: \* Cálculo da frequência relativa com base no número total de participantes que têm acesso às atividades; n/a = não se aplica.

Em relação aos padrões de uso linguístico dos participantes quando estão em contacto com amigos de origem portuguesa, a distribuição dos dados na Tabela 5 revela que a maioria dos participantes do grupo FH.PLH (77,7%) e do grupo FH.EBi (71,5%) recorre, em diferentes proporções, ao

uso de ambas as línguas na interação com amigos lusodescendentes. Os dados mostram ainda que, neste contexto, a língua maioritária é usada, em exclusivo, por 22,2% dos participantes do grupo FH.PLH e por 28,6% dos do grupo FH.EBi. Já o Português não é usado como única língua de comunicação por nenhum dos participantes.

**TABELA 5**

**Padrões de uso linguístico com amigos de origem portuguesa no país de acolhimento.**

PADRÕES DE USO LINGUÍSTICO	FH.PLH		FH.EBi	
	(n)	(%)	(n)	(%)
APENAS ALEMÃO	2	22,2	2	28,6
MAIS ALEMÃO DO QUE PORTUGUÊS	4	44,4	2	28,6
ALEMÃO E PORTUGUÊS EM QUANTIDADES IGUAIS	1	11,1	3	42,9
MAIS PORTUGUÊS DO QUE ALEMÃO	2	22,2	0	0
APENAS PORTUGUÊS	0	0	0	0

Quanto à instrução formal na língua de herança, a maioria dos participantes do grupo FH.PLH (88,9%) frequenta uma vez por semana, ou até 1h30m por semana, aulas de Português de carácter extracurricular, havendo apenas um participante (11,1%) que usufrui deste tipo de ensino da língua de herança duas vezes por semana. Por seu turno, todos os participantes do grupo FH.EBi estão a frequentar uma escola bilingue português-alemão, na qual 71,4% dos participantes estão a ser escolarizados maioritariamente em Português e 28,6% dos participantes, maioritariamente em Alemão. Em ambos os casos, o grupo FH.EBi é exposto a uma maior quantidade de *input* formal da LH do que o grupo FH.PLH.

Por fim, no que respeita aos valores das medidas de tendência central e de dispersão que caracterizam a variável RIQUEZA.INPUT (Tabela 2), a qual resulta da experiência sociolinguística dos participantes nas componentes supra-analisadas, verifica-se que, relativamente ao grupo FH.PLH, a riqueza da exposição à língua de herança varia entre o valor mínimo de 0,13 e o máximo de 0,55, correspondendo o valor da

média a 0,27, ao passo que, no que se refere ao grupo FH.EBi, os valores variam entre o mínimo de 0,13 e o máximo de 0,63, situando-se o valor da média em 0,36. Tendo em consideração os valores das médias desta variável, podemos observar que a riqueza do *input* a que os dois grupos são expostos no quotidiano é muito semelhante.

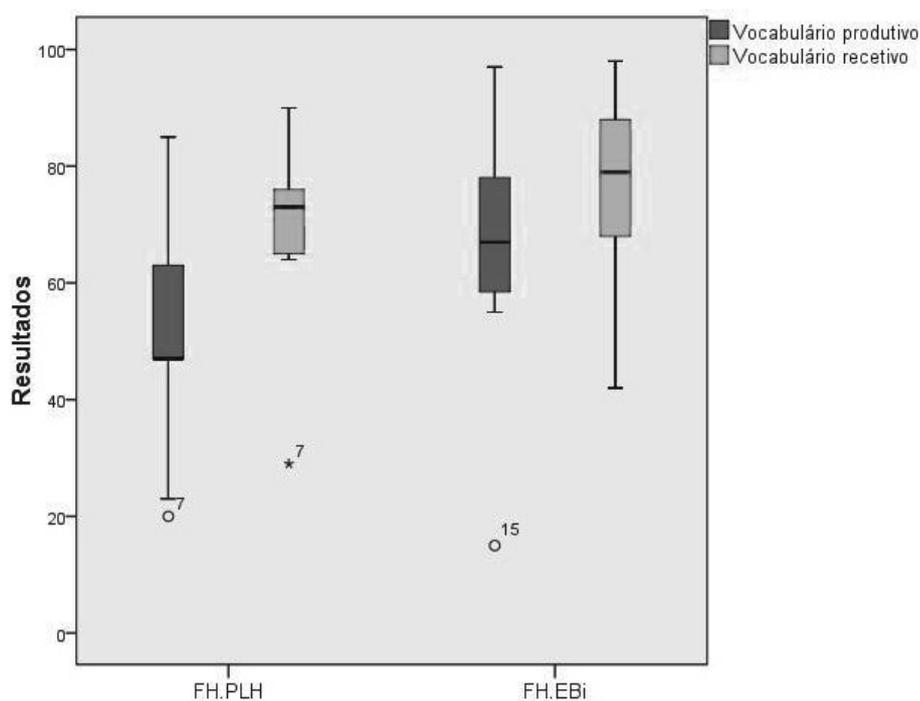
## O CONHECIMENTO LEXICAL PRODUTIVO E RECETIVO DOS PARTICIPANTES

Para a avaliação do desenvolvimento lexical dos dois grupos de participantes, estes realizaram dois testes de vocabulário: nomeadamente as adaptações portuguesas do *Expressive One-Word Picture Vocabulary Test* (EOWPVT; Brownell, 2000a; Cunha, 2011) e do *Receptive One-Word Picture Vocabulary Test* (ROWPVT; Brownell, 2000b; Costa, 2011).

O EOWPVT é um teste de produção oral que tem como finalidade avaliar, através da nomeação de imagens, o conhecimento lexical produtivo de indivíduos entre os cinco e os 10 anos de idade (Cunha, 2011), ao passo que o ROWPVT é um teste de compreensão oral que avalia, através de identificação de imagens, o conhecimento lexical recetivo de falantes dentro das mesmas faixas etárias do teste anterior (Costa, 2011). Ambos os testes são compostos por 150 itens lexicais com grau crescente de dificuldade. Para o presente estudo, todos os participantes iniciaram os testes no primeiro item e terminaram-nos quando atingiram um teto, isto é, após errarem a nomeação de seis itens consecutivos, no teste EOWPVT, e falharem a identificação de seis em oito itens consecutivos, no ROWPVT.

Na Figura 1, podemos observar a distribuição e a variação dos resultados dos dois grupos de participantes nas tarefas de produção e de compreensão oral. Uma análise da mesma permite-nos verificar que, relativamente ao desempenho no teste de produção oral, os participantes do grupo FH.PLH nomearam, corretamente, entre 20 e 85 itens lexicais ( $M=51,00$ ;  $DP=21,56$ ;  $Mdn=47$ ;  $IIQ=35$ ), ao passo que os participantes do grupo FH.EBi nomearam entre 15 e 97 itens lexicais ( $M=64,57$ ;  $DP=25,84$ ;  $Mdn=67$ ;  $IIQ=27$ ). Já no que se refere ao desempenho no teste de compreensão oral, os participantes do grupo FH.PLH identificaram, de forma

correta, entre 29 e 90 itens-alvo ( $M=69,00$ ;  $DP=16,82$ ;  $Mdn=73$ ;  $IIQ=13$ ) enquanto os participantes do grupo FH.EBi identificaram entre 42 e 98 itens ( $M=75,86$ ;  $DP=18,56$ ;  $Mdn=79$ ;  $IIQ=21$ ). Comparando o desempenho dos participantes nos dois testes lexicais, apesar de os valores das médias e das medianas do grupo FH.EBi serem superiores aos do grupo FH.PLH, os resultados de um teste de diferenças, a nível estatístico, revelam que não há diferenças significativas entre os dois grupos de participantes quanto ao conhecimento lexical produtivo ( $U=20.00$ ,  $z=-1.22$ ,  $p=.251$ ) e recetivo ( $U=23.00$ ,  $z=-0.90$ ,  $p=.392$ ) na língua de herança.



**FIGURA 1: Resultados nos testes de produção e de compreensão oral: distribuição e variação por grupo de participantes.**

A distribuição dos dados apresentados na Figura 1 demonstra ainda que existe variação dentro de cada grupo quanto ao desempenho nos testes de vocabulário, havendo, nos dois grupos, participantes que obtiveram resultados muito elevados e participantes cujos resultados são muito baixos. Perante esta observação, realizámos, com os participantes dos dois grupos agregados num só grupo, testes de correlação entre as variáveis ambientais que descrevemos anteriormente e o desempenho lexical dos participantes com o objetivo de avaliarmos se a quantidade de

uso da língua de herança no agregado familiar e a riqueza do *input* a que os falantes são expostos no quotidiano estão associadas ao desempenho destes nas tarefas lexicais. Os resultados revelaram que o conhecimento lexical produtivo está positiva e significativamente correlacionado com a quantidade de uso da língua de herança no agregado familiar ( $r_s=.57$ ,  $p=.022$ ) e com a riqueza do *input* ( $r_s=.57$ ,  $p=.020$ ). Quanto ao conhecimento lexical recetivo, os resultados demonstraram que este também se encontra positivamente correlacionado com a riqueza do *input* ( $r_s=.56$ ,  $p=.025$ ) e com o uso do PE no meio familiar ( $r_s=.48$ ,  $p=.063$ ), embora com esta última variável a correlação seja apenas marginalmente significativa.

## CONCLUSÃO

Nesta contribuição, apresentámos a evolução do número de potenciais falantes de Português nos últimos anos na Alemanha e uma perspetiva diacrónica da evolução do Ensino (do) Português neste país. Como ficou claro, a emigração de falantes de Português para a Alemanha, sobretudo os originários de Portugal, deve ser entendida à luz de dinâmicas migratórias mais vastas e da história da diáspora portuguesa. Em termos de oferta linguística, tentámos mostrar que a organização daquele ensino seguiu padrões de organização simultaneamente *top down* e *bottom up*, tendo sido, por vezes, estimulado por organismos de política linguística quer portugueses, quer alemães, ou promovido por associações de imigrantes. É, por isso, importante, como vimos, compreender como funciona a política linguística de integração do país de acolhimento e como esta se articula com iniciativas nacionais do país de origem e locais/regionais das comunidades imigrantes para compreender a vitalidade da oferta de cursos de Língua Portuguesa. Não obstante o Português ser considerado uma língua global e estando incluída no *ranking* das línguas mais faladas do mundo, a presença do Português nas escolas alemãs reduz-se quase exclusivamente ao seu estatuto de língua de herança e está apenas residualmente presente noutros contextos (como língua estrangeira, por exemplo). No ensino universitário, o Português está presente na generalidade das universidades, como disciplina de opção ou como oferta de centros de línguas, mas a sua oferta em termos de estudos avançados (por exemplo, conducentes ao grau de Mestrado) é reduzida.

O estudo empírico apresentado reflete dois aspetos importantes da presença do Português na Alemanha: primeiro, centra-se sobretudo na comunidade oriunda de Portugal, por ser a comunidade com uma presença mais expressiva (para uma perspetiva comparada entre a presença da comunidade portuguesa e a brasileira veja Flores e Lira, no prelo); segundo, porque é em termos de língua de herança que a oferta formativa é mais significativa. No entanto, não havia ainda um estudo que comparasse os utentes destes cursos extracurriculares e os que frequentam ofertas de Português integradas no currículo.

No que se refere ao desenvolvimento lexical dos falantes de herança do PE na Alemanha, os resultados da análise estatística do estudo apresentado demonstram que, como grupo, não há diferenças quanto ao conhecimento lexical produtivo e recetivo entre os participantes a frequentarem aulas extracurriculares de PLH e os participantes a frequentarem a escola bilingue, ou seja, ambos os grupos apresentam dimensões de vocabulário produtivo e recetivo semelhantes na língua de herança. Ora, sabendo que a instrução formal é considerada um fator preditivo do desenvolvimento lexical (veja-se o estudo de Cobo-Lewis *et al.*, 2002) e que um dos grupos de participantes é exposto de forma mais intensiva a *input* formal da língua de herança, torna-se imperativo procurar compreender de que modo outros fatores, presentes no ambiente sociolinguístico dos participantes, contribuem para este desempenho lexical dos dois grupos de falantes do PE.

Assim sendo, no que diz respeito ao meio familiar, verificou-se que todos os participantes do grupo FH.PLH provêm de famílias em que os dois progenitores são falantes nativos do PE ao passo que mais de metade dos participantes do grupo FH.EBi são oriundos de famílias em que apenas um dos pais é falante nativo do PE. Para além disso, enquanto nenhum dos participantes deste grupo tem avós emigrados na Alemanha, dois terços dos participantes do grupo FH.PLH contactam regularmente, e sempre em Português, com avós emigrantes de origem portuguesa. Deste modo, tendo em conta que o número de pais falantes da língua de herança e que o contacto com avós emigrantes tendem a ter um efeito positivo na transmissão intergeracional de línguas minoritárias (Hoff *et al.*, 2014; Ishizawa, 2004; entre outros), estas particularidades do ambiente familiar do grupo FH.PLH contribuem claramente para práticas regulares

e muito frequentes de contacto com o Português, compensando o facto de frequentarem as aulas de PLH apenas em regime extracurricular, com um número de horas letivas semanais reduzido.

Adicionalmente, se atentarmos nos dados da análise descritiva dos domínios que compõem a variável RIQUEZA.INPUT, podemos observar alguma variação entre os grupos, designadamente no que diz respeito à existência, na comunidade, de atividades de lazer e culturais na língua de herança e à participação destes nas mesmas. De facto, como os dados evidenciam, há uma maior oferta deste tipo de atividades na área de residência do grupo FH.PLH, o que se traduz num maior envolvimento dos participantes nas mesmas. Nesse sentido, o facto de os participantes do grupo FH.PLH contactarem com uma maior diversidade de falantes nativos do PE em diferentes contextos comunicacionais no seio da comunidade emigrante e de serem expostos a diferentes registos de língua, inclusivamente a *input* mais próximo da língua padrão através de atividades religiosas, poderá igualmente contribuir para neutralizar o efeito da menor quantidade de *input* proveniente do meio escolar no desenvolvimento lexical na língua de origem.

Por sua vez, os resultados dos testes de correlação entre as variáveis ambientais e o desempenho dos participantes mostraram que aqueles que mais interagem em Língua Portuguesa no contexto familiar e que contactam com o PE em contextos comunicacionais mais diversificados apresentam um desempenho lexical superior aos dos que usam a Língua Portuguesa em menor quantidade e em contextos mais homogêneos, vindo assim reforçar a importância que quer a quantidade de uso da língua de herança no seio das famílias emigrantes quer o contacto com diferentes fontes de *input* têm para o desenvolvimento de competências comunicativas na língua de origem.

Contudo, gostaríamos de salientar que o estudo empírico se limitou à avaliação das competências da oralidade e ao domínio do léxico, tornando-se necessário, em futuras investigações, avaliar outras áreas do saber linguístico e outras competências como as da leitura e as da escrita, onde certamente há diferenças entre os falantes que estão inseridos em instituições de ensino bilingue e os que estão a frequentar aulas extracurriculares de PLH. Tal linha de investigação resultará numa

visão mais aprofundada das diferenças e semelhanças entre falantes de herança com diferentes perfis sociolinguísticos.

Neste âmbito, será também importante estudar, em perspetivas futuras, as políticas linguísticas das famílias lusófonas e o próprio papel das crianças e da família alargada (também a residente nos países de origem) na manutenção e transmissão da língua em ambientes familiares na diáspora. Concomitantemente, o estudo, não obstante as limitações apontadas no parágrafo anterior, desmistifica a superioridade da integração curricular da língua frente a modalidades de ensino-aprendizagem dos designados “cursos complementares”. Para além desta comparação, seria interessante analisar a diferença entre estas duas modalidades de ensino-aprendizagem, pertencentes a um modelo formal de ensino, e ofertas formativas caracterizadas por um mais reduzido grau de formalidade, em que as comunidades desenvolvem iniciativas orientadas para a socialização em Português (como é o caso da “Mala de Herança”, em Munique; veja-se Da Costa Wätzold & Melo-Pfeifer, 2020).

